

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VI Nº 24 VIANA-MA, MAIO DE 2009



VIANA
251
ANOS
DE
MEMÓRIA

Editorial

PERENIZAÇÃO DAS ÁGUAS

Lançado oficialmente pelo governo do Estado, no último dia 23 de março, em Viana, o Programa de Perenização das Águas Doces da Baixa da Ocidental Maranhense visa proteger os recursos hídricos da região, impedindo o escoamento das águas dos sete lagos, que acontece durante o período da estiagem (julho a dezembro), através da construção de uma barragem no rio Maracu, na altura do município de Cajari.

O programa objetiva impedir ainda a penetração danosa das águas salgadas nos campos e a consequente mortandade de peixes, assim como o processo de salinização do solo em vasta porção de terra, com a construção de um dique que deverá acompanhar o percurso do rio Mearim, desde a MA-014, entre Viana e Vitória do Mearim, até Bacurituba. Esta segunda obra teria extensão de 70 quilômetros e atravessaria os municípios de Matinha, Olinda Nova, São Vicente Férrer, São João Batista e Cajapió.

A nosso ver, apesar de muito bem intencionado, tendo como objetivo final a melhoria da qualidade de vida da população e a fixação das famílias no campo (o que iria garantir a subsistência e o crescimento auto-sustentado dos municípios, segundo foi divulgado pela mídia maranhense), este projeto requer maiores e mais aprofundados estudos de impacto ambiental na região, como igualmente não apenas de uma, mas de várias audiências públicas e em todas as cidades envolvidas, as quais possam melhor esclarecer à população sobre as consequências positivas e negativas de tais intervenções.

Até o momento, foram apresentados somente os pontos positivos que poderiam ser alcançados com a perenização das águas no período da seca. De acordo com o *folder* distribuído pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais do Maranhão (SEMA), os projetos executivos da barragem e dos diques já estão prontos, inclusive com Estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (EIA-RIMA).

Embora conste que algumas cópias (em DVD) desses estudos foram distribuídas aos representantes de determinadas entidades presentes à audiência do dia 23, ainda assim é muito pouco em termos de divulgação e esclarecimentos à população sobre um projeto de tamanha magnitude (lembrando que poucas pessoas, em Viana, têm acesso a um computador).

Caso o programa seja efetivamente levado à frente, mesmo com a mudança recente do governo estadual, cabe às entidades e associações vianenses (Câmara Municipal, inclusive) exigirem novas audiências em datas e locais previamente divulgados, conforme recomenda a legislação vigente, a fim de que todos possam dirimir suas dúvidas e questionamentos bem antes do início das obras acima citadas.

CASA DE EVILÁSIO COSTA

LUIZ ALEXANDRE



Embora tenha sofrido várias intervenções ao longo do tempo, este prédio ainda conserva algumas características coloniais, como também guarda memórias importantes da história de nossa cidade.

Nesta casa morou, por exemplo, dos quatro aos dezenove anos de idade, o futuro médico, sacerdote e escritor, João Mohana. Durante quinze anos (1929 a 1944) foi esta a residência e também o ponto comercial do Sr. Miguel Abraão Mohana, cidadão de origem libanesa que migrou para o Brasil, fixando-se em Viana, depois de ligeira passagem pela cidade de Bacabal.

Nessa época, o imóvel possuía a fachada bem mais extensa (que incluía a atual Foto Fortaleza) com amplos salões no seu interior, utilizados para armazenamento dos

principais produtos agrícolas exportados pelo município, nas décadas de 1930 e 1940.

De acordo com o depoimento de um dos filhos de Miguel Abraão, Ibrahim Mohana, em dias de embarque para São Luís, o trabalho ali era intenso e envolvia dezenas de empregados na tarefa de ensacamento de algodão, arroz e babaçu. Uma turma fazia a costura das bocas dos sacos, enquanto outro grupo levava o lote já pronto para a fileira de carroças estacionadas na rua. Completada sua carga, a carroça descia rápido em direção do antigo cais. Conforme o horário de partida da embarcação, o movimento podia durar o dia inteiro.

As atividades comerciais do Sr. Miguel Abraão também envolviam a loja de finos tecidos, na parte da frente do imóvel, onde o clien-

te podia encontrar sedas francesas e italianas, perfumes, talcos e toda sorte de miudezas.

Depois da mudança da família Mohana para São Luís, o imóvel abrigou, entre 1949 a 1972, a loja de tecidos dos Irmãos Costa, quando sofreu, então, uma reforma interna que o dividiu em duas residências distintas, uma para a família do Sr. Costinha e a outra para a família do Sr. Assis Costa.

Da fachada original do prédio, muito se perdeu. Das quatro portas que davam acesso à loja, restaram apenas duas. Também as grades de ferro que compunham a parte inferior das duas janelas (detalhes importantes da arquitetura colonial) foram substituídas por paredes de alvenaria.

Atualmente a casa é a residência de Evilásio Costa, um dos filhos do falecido Sr. Costinha.

SOMOS TRICOLORS

O acadêmico Carlos Gaspar, em pesquisa junto ao acervo do Diário Oficial do Estado, localizou a lei de criação da bandeira vianense, datada de 1919. A descoberta do documento oficial encheu de alegria nossa agremiação cultural, principalmente o confrade Lourival Se-rejo, que já vinha empregando esforços, há algum tempo, na tentativa de desvendar a origem desta que é um de nossos mais importantes símbolos.

Assim, ficamos sabendo que nossa verdadeira bandeira possui três cores e não apenas duas, conforme nos ensinaram nos últimos cinquenta anos. O resgate da listra verde, esquecida por tanto tempo, e que representa “a cor dos nossos belíssimos campos”, segundo o documento localizado, redime um lapso histórico e restaura a verdadeira identidade da bandeira vianense (veja matéria na última página).



POSSE DE POLLYANNA

No próximo dia 23 de maio (sábado), às 20 hs, na Igreja Matriz, durante reunião solene da AVL, realizar-se-á a cerimônia de posse da nova acadêmica, Pollyanna Gouveia Mendonça, que ocupará a Cadeira de nº 28, cujo patrono é o engenheiro e intelectual Dr. Raimundo de Castro Maia.

Aos 26 anos de idade, Pollyanna, doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense e colaboradora de nosso jornal há algum tempo, tornar-se-á o membro mais novo de nossa Academia, provando assim que não existe idade para que o estudo e o talento sejam reconhecidos.

A AVL convida toda a comunidade para se fazer presente neste momento de expressivo significado para a cultura vianense.

VIANA SEDIARÁ PROGRAMA DARCY RIBEIRO

Fruto da idealização e elaboração da acadêmica Conceição Raposo (mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas e doutora em Ciências Humanas pela PUC/RJ), o Programa Darcy Ribeiro, promovido pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) destina-se a suprir a demanda de professores, do Ensino Médio, nas áreas de Biologia, Química, Física e Matemática, além de História e Letras, nas cidades do interior maranhense.

Inicialmente o programa abrangerá 23 pólos de ensino superior. Cada cidade-pólo abrigará candidatos, que serão submetidos a um processo seletivo, oriundos de três outros municípios vizinhos. Dessa forma, o programa Darcy Ribeiro irá contemplar, na primeira etapa, 92 municípios e oferecer 4.665 vagas aos egressos do Ensino Médio que anseiam por uma formação de nível superior. O programa objetiva ainda o aproveitamento desses novos profissionais em suas próprias

cidades, proporcionando reais oportunidades de emprego e renda, além de garantir a melhoria da qualidade do ensino local.

A fim de que os cursos de licenciatura sejam ministrados de forma regular com períodos letivos definidos, conforme a estrutura curricular de cada um, serão assinados Convênios de Cooperação Técnica entre a UEMA e as prefeituras municipais. Segundo a coordenação, o Programa Darcy Ribeiro pretende iniciar suas atividades a partir do segundo semestre de 2009, estando previsto o primeiro processo seletivo para o próximo mês de junho.

Além de Viana, os demais municípios que participam desta primeira etapa são: Açailândia, Amarante do Maranhão, Arari, Balsas, Barra do Corda, Barreirinhas, Bequimão, Carolina, Cidelândia, Codó, Coelho Neto, Cururupu, Grajaú, Icatu, Loreto, Mirinzal, Pinheiro, Porto Franco, Rosário, São Bento, São Mateus e Timon.

PASSAR FOGO NO BOI 2009



JOSÉ VENTURA FURTADO

Interrompido no ano passado, o tradicional folguedo junino do “passar fogo no boi” retornará neste ano de 2009 com força total, conforme asseguram seus principais organizadores Catarrinho e Zé de Betrônio.

Com o falecimento dos antigos fogueteiros da cidade de São Bento, responsáveis pela confecção das carretilhas, e na dificuldade de localizar um novo profissional dessa arte (hoje quase extinta), que é a fabricação artesanal de fogos de artifícios, o evento deixou de acontecer em 2008, para frustração de centenas de aficionados da brincadeira.

Segundo informam os organizadores acima mencionados, este ano o boi será queimado com muito brilho, pois já foram encomendadas 300 dúzias de carretilhas para aquecer o “fogaréu” de 2009 e fazer a alegria dos brincantes, na noite do próximo dia 28 de junho.

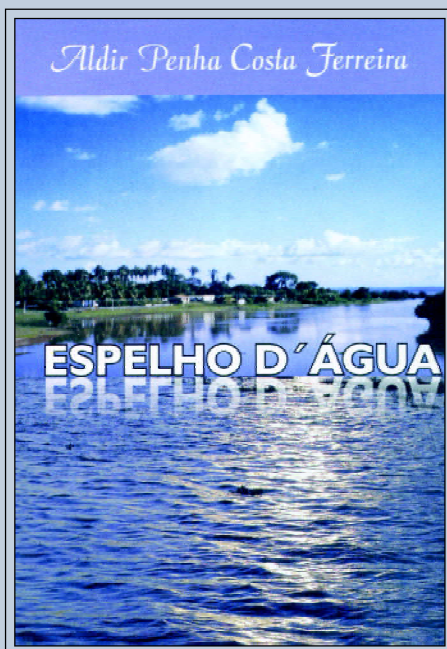
A farra do “passar fogo no boi” é uma tradição centenária dos vianenses e consiste em queimar centenas de carretilhas sobre o lombo do boi, enquanto o cortejo desfila pelas ruas da cidade. Suspensa e esquecida por mais de 10 anos, a brincadeira voltou a fazer parte do calendário dos festejos juninos locais desde 2002.

ESPELHO D'ÁGUA

Foi lançado no dia 7 do corrente mês, às 19:30hs, no auditório do Conselho Regional de Medicina do Maranhão, o livro “Espelho D'Água” de autoria do médico e escritor Aldir Penha Costa Ferreira.

Natural de São Vicente Férrer, Aldir passou parte de sua infância em Viana, nas décadas de 1940 e 1950, quando veio para cá de muda com os pais. E é desse período, repleto de lembranças marcantes, que ele extraiu fatos, personagens e paisagens para compor o pano de fundo de seu primeiro romance.

Prefaciado pelo acadêmico Lourival Serejo, o livro traz registros interessantes sobre o passado recente da cidade, descrevendo costumes e o pacato modo de vida da sociedade vianense do final da 1ª metade do século XX. Merece destaque o capítulo que narra, com riqueza de detalhes, a tradicional (e hoje extinta) festa de São Sebastião. A chegada na cidade do caminhão “Fargo”,



de propriedade do empresário José Mendes Pinheiro, com direito a bênção do padre Manoel Arouche, discursos, banda de música e estouros de foguetes, é outro capítulo digno de menção.

Esta obra de Aldir Penha Costa Ferreira será, certamente, mais uma importante contribuição para enriquecer o conjunto memorialístico de nossa cidade, como bem afirmou Lourival Serejo em seu prefácio.

ZÉ GATO O humorista vianense

Resultado da pesquisa e catalogação das principais piadas da autoria do popular e hoje já lendário “Zé Gato”, o acadêmico José Henrique Nogueira de Carvalho lançou seu mais recente trabalho, que registra para a posteridade, as hilariantes pilhérias do famoso humorista vianense.

Segundo o autor, na apresentação da obra, o falecido Zé Gato (cujo nome de batismo era José Manoel da Silva) merece esse trabalho por se tratar de pessoa pública, que se destacava por sua fulgurante presença de espírito, e pela verve criativa. Era uma fábrica de jogos de palavras e de trocadilhos. Para tudo tinha um comentário jocoso, fundado em situações ou personagens locais, muitas vezes sobre si mesmo. Um autêntico mestre da piada.

Sem dúvida, trata-se de uma obra importante e interessante que, além de salvar do provável esquecimento a memória



deste artista popular, certamente proporcionará ao leitor momentos de agradável lazer.

O livro (para quem desejar adquiri-lo) encontra-se à venda nos seguintes locais: em Viana, nas farmácias de Gerson e Nonato (Barreirinha); em São Luís, na joalheria Pingo de Ouro, à AV. Colares Moreira (São Francisco), próximo ao Hiper Bompreço.

MÃE SANTINHA

No mês consagrado às mães, a homenagem da AVL à mulher que dedicou sua vida à maternidade vianense

Luiz Alexandre Raposo

Por ironia da vida, ela, que seria considerada uma segunda mãe para centenas de vianenses, não teve filhos biológicos. Tampouco chegou a conhecer a própria mãe, não lhe restando, como consolação, nem mesmo uma fotografia da mulher que a trouxera ao mundo para matar sua curiosidade infantil. Frustração esta que a acompanharia pelo resto da vida, conforme costumava confidenciar à amiga e companheira de profissão, Enedina Raposo. Nessas ocasiões, aproveitava para contar um sonho que tivera, certa vez, depois de adulta.

No sonho, Santinha Neves viu-se surpreendida pela visita do prefeito, Ezequiel Gomes, para lhe entregar a chave da Prefeitura, dizendo-lhe que sua genitora ali se encontrava, trancada, à sua espera. Sem perda de tempo, feliz e eufórica, a enfermeira trocou de roupa e tomou a rua em direção ao prédio da Prefeitura. Pelo caminho, ia recebendo os cumprimentos e apertos de mãos dos amigos Ozimo de Carvalho, Levi Coelho, Benedito Gomes e Maroca Cunha, Raimundo de Xandico, Darli Nogueira e tantos outros. Ao alcançar a praça, já arrastava atrás de si uma pequena multidão de conhecidos, ansiosos em presenciar aquele momento de grande significado para ela. Depois de apressar o passo e finalmente alcançar o prédio azulejado, com a mão trêmula introduziu a chave no orifício da porta principal. Ao dar a volta na fechadura, porém, acordou com o coração aos pulos. A emoção havia sido tamanha que lhe fizera despertar, frustrando definitivamente o desejo de conhecer, pelo menos em sonho, o rosto da mulher da qual só conhecia o nome: Emília de Jesus Araújo Mendes.

Com certeza sua história pessoal de vida deve tê-la influenciado na opção pela enfermagem e na dedicação à maternidade para salvar vidas, diminuindo assim o número de prováveis e futuros órfãos na cidade. Nascida em Viana, no dia 24 de abril de 1903, num parto complicado que lhe roubara a mãe, Maria do Espírito Santo Mendes cresceu sob os cuidados do pai adotivo, Nicolau Nunes (provavelmente por isso ficaria mais conhecida como Santinha Nunes, embora este sobrenome nunca tenha constado de seus documentos). Ao atingir a maioridade viajou para São Luís, a fim de matricular-se no então famoso "Instituto de Assistência à Infância Benedito Leite", que funcionava na Rua Rio Branco, no mesmo casarão onde, décadas depois, seria instalada a antiga Faculdade de Enfermagem "São Francisco de Assis" (posteriormente encampada pela UFMA). Na capital, durante os três anos de duração do curso, a jovem saberia tirar bom proveito das aulas teóricas e principalmente das aulas práticas recebidas na maternidade e no pequeno hospital infantil, mantidos na escola.

GORDON GREATHOUSE



Com a colega, Enedina Raposo, a quem considerava a irmã que não tivera



LUIZ ALEXANDRE



Na Praça Duque de Caxias, ao lado do pequeno templo da Assembléia de Deus, a casa onde a família Neves residiu por muitos anos

A enfermeira profissional – De volta à terra natal, logo seus préstimos se tornariam imprescindíveis para a sociedade local, principalmente numa época em que Viana, além de sofrer da deficiência de assistência médica, vivia isolada pelas contingências geográficas de então. Dessa maneira, através do trabalho, a nova enfermeira conquistava cada vez mais o respeito e a gratidão da coletividade. Durante mais de 30 anos de dedicação à maternidade foram centenas de partos assistidos com várias gerações de novos vianenses vindos ao mundo sob seus cuidados profissionais.

E não foram poucos os desafios enfrentados ao longo dessa trajetória. Bebês atravessados no ventre materno, feitos em decomposição, abortos espontâneos, hemorragias, complicações durante e no pós-parto, natimortos, e tantos outros problemas ocasionais de uma gestação eram comuns no desempenho da sublime profissão abraçada por Santinha. Nos casos mais complicados, ela solicitava o auxílio de Enedina Raposo e Maria Serejo, outras duas enfermeiras da cidade.

Sua atuação em prol da saúde dos conterrâneos, entretanto, não se restringia somente à maternidade. Na falta do médico, a enfermeira se via também requisitada para atender situações de emergência, como vítimas de queimaduras, de acidentes domésticos ou de trabalho, ou mesmo de pessoas atacadas por todos os tipos de enfermidades.

Como funcionária pública, durante mais de três décadas, Santinha Neves soube igualmente deixar escrita uma folha de bons serviços prestados aos pacientes do Hospital Dr. José Murad, recebendo elogios de vários médicos que dirigiram aquela casa de saúde, como Raimundo Martins, Antenor Abreu, Lourival Costa e Antônio Hadade.

Outra atuação importante da parteira deu-se durante a fundação da 1ª maternidade de Viana, em 1968, sob a iniciativa da Sra. Carminha Sousa. Contando com seu apoio e da colega, Enedina Raposo, a nova instituição prestaria importantes serviços às mães vianenses por vários anos, até ser transformada, em 3 de fevereiro de 1985, na atual "Policlínica Mãe Santinha", homenagem póstuma que lhe foi prestada por iniciativa de Daniel Gomes Filho junto às sócias da antiga Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de Viana.

A mulher e mãe de família

De formação originalmente católica, durante a juventude chegou a fazer parte da irmandade das "Filhas de Maria", quando era uma das principais incentivadoras do culto mariano, promovendo novenas por todo o mês de maio em sua residência. Ao enamorar-se e firmar compromisso de noivado com o jovem José Ribamar Neves, membro da igreja "Assembléia de Deus", Santinha deixou-se converter pelo futuro marido, mudando desse modo de religião.

Naquele tempo, decidir-se pela mudança de religião não era tão simples e quase natural como normalmente acontece hoje em dia. Vivendo numa pequena cidade sob a liderança carismática de um líder da estirpe do padre Manoel Arouche, quando a população vianense professava e participava ativamente dos ritos e sacramentos da Igreja Católica, não deve ter sido nada fácil para ela tomar tal decisão. Mesmo assim, a enfermeira soube impor-se e manter o mesmo respeito e consideração da coletividade de esmagadora maioria católica.

O casamento com José Neves foi realizado pelo juiz Arthur Almada Lima, no dia 3 de setembro de 1940, quando Santinha já contava 36 anos de idade. Sem filhos, nove anos depois, o casal resolveu adotar um menino, nascido em 6 de julho de 1949, o qual perdera a mãe também de parto e cujo pai era um primo da enfermeira. Embora tenha sido criado pelos pais adotivos desde o nascimento, Elizeu Humberto Mendes somente passou a assinar o sobrenome "Neves" em 1961, quando o termo de adoção foi finalmente oficializado em cartório.

No mesmo mês em que completaria 78 anos, encerrou-se a trajetória terrestre da enfermeira vianense que ajudou a salvar tantas vidas. Vítima de enfarte do miocárdio, Maria do Espírito Santo Neves faleceu no dia 13 de abril de 1981.

GRACA CUTRIM



Policlínica Mãe Santinha: justa homenagem que, no momento, necessita urgentemente da atenção e maior apoio da administração municipal, a fim de melhor servir à comunidade vianense

IRMÃOS COSTA

Atuação marcante na história do comércio vianense

Luiz Alexandre Raposo

Eles aportaram por aqui no início da década de 1940, para trabalhar na firma “A Piauhynense”, de propriedade de Zebino Pacheco do Amaral, comerciante natural da cidade de Luzilândia (PI) e já radicado, em Viana, há alguns anos. O primeiro a chegar foi o mais velho dos irmãos, Francisco de Assis Costa. Depois chegaria também Raimundo Nonato de Almeida Costa.

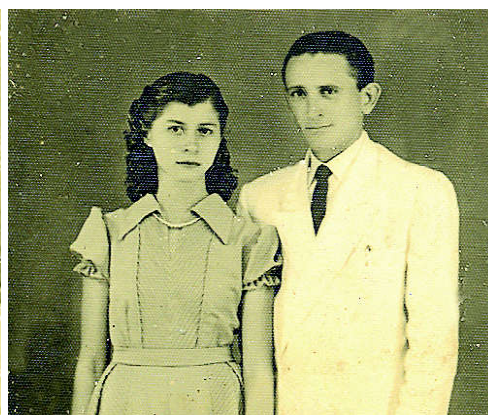
Nascidos no interior do vizinho Estado do Piauí e órfãos de pai e mãe ainda crianças, os irmãos haviam sido entregues aos cuidados de parentes e amigos da família, antes de se mudarem para Viana. Em 1924, aos cinco anos de idade, Francisco de Assis e a irmã caçula, Justina (bebê ainda), foram trazidos pela tia Caetana (do lado materno) para residirem na cidade maranhense de Brejo, enquanto Raimundo Nonato, com apenas quatro anos, foi levado para estudar na sede do município de Luzilândia, sob a responsabilidade do Sr. Antonio Guilherme de Melo.

Como novos moradores da “Cidade dos Lagos”, enquanto trabalhavam arduamente na firma do conterrâneo piauiense, os dois rapazes familiarizaram-se rapidamente com os vianenses, conquistando amigos e a simpatia do povo da terra. Em pouco tempo ficariam conhecidos simplesmente como Assis e Costinha. Por essa época, as atividades empresariais do Sr. Zebino Amaral - envolvendo o comércio de algodão, babaçu, arroz etc. - já abrangiam uma serraria, um pilador de arroz e um pilador de sal, além da loja de tecidos e miudezas em geral.

O comércio dos Irmãos Costa – Depois de cinco anos trabalhando na firma “A Piauhynense”, Assis e Costinha decidiram montar seu pró-



Acima os jovens irmãos Francisco de Assis e Raimundo Nonato Costa, quando chegaram a Viana e, abaixo, com suas respectivas esposas: Maria de Lourdes Coelho Costa e Maria Gomes Costa



prio negócio, partindo para a fundação da firma “Irmãos Costa”, inicialmente localizada na atual Rua Rio Branco, no Moquiço. Determinados e munidos da experiência adquirida, aos poucos os jovens irmãos foram se estabelecendo no comércio local. Certamente a simpatia de que eram portadores e o bom atendimento que sabiam dispensar à diversificada clientela foram ferramentas importantes para o êxito comercial. Assim, em poucos anos, transferiram-se para a Rua Antônio Lopes, nº 296, ocupando o mesmo prédio que antes havia abrigado o comércio do Sr. Miguel Abraão Mohana.

É mais ou menos desse período, estes versos publicados pelo famoso e mordaz pasquim “Ora, Pílulas”, periódico manuscrito que circulou na cidade nos anos 40: *Pintamos aqui/ a lápis ou giz/ a dupla feliz/ Costinha e Assis/ que do Piauí/ nos trouxe uma*

vez/ cumprindo o destino/ do tio Zebino.

A “dupla feliz” e dinâmica dividia-se harmonicamente nos afazeres comerciais. Enquanto o mais velho assumia o balcão, atendendo a freguesia, o mais novo encarregava-se das viagens para os centros mais desenvolvidos como São Luís, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, a fim de melhor abastecer os estoques de mercadorias. Por várias vezes, lanchas foram contratadas especialmente para transportar, de São Luís a Viana, quantidades de até 500 fardos de novas mercadorias para a firma Irmãos Costa.

Os matrimônios –

Alcançada certa estabilidade profissional, os irmãos quiseram construir suas próprias famílias, escolhendo como esposas moças da sociedade local: em 19 de agosto de 1950, Francisco de Assis casou-se com Maria de Lourdes Coelho, filha

do conceituado comerciante Levi Coelho, com a qual teria 10 filhos; no ano seguinte, em 27 de outubro de 1951, foi a vez de Raimundo Nonato casar-se com Maria Pereira Gomes, filha do ex-prefeito da cidade, Eziquiel de Oliveira Gomes, união esta que iria gerar oito filhos.

Unidos nos negócios, quando se fizeram inserir de forma marcante na vida pública da cidade, escrevendo um capítulo importante na recente história do comércio vianense, os irmãos Costas, entretanto, possuíam personalidades bem diferentes. É natural, assim, que suas trajetórias particulares de vida desenhassem contornos bastante diferenciados, pontuando cada um, a seu modo, o meio social do qual faziam parte.

Dessa maneira, Assis, de temperamento mais reservado, dividia-se quase que totalmente entre o trabalho e a família, enquanto o irmão mais

novo, de espírito empreendedor e vida social mais abrangente, sabia estender seu talento para outras atividades, paralelamente ao comércio da loja de tecidos.

Criador e hortigranjeiro –

Proprietário da fazenda Porto Velho, localizada entre Viana e Matinha, Costinha chegou a possuir 173 animais, entre vacas, touros, novilhos, garrotes e mestiços de zebu. Consciente do crescente declínio econômico do município, ele imaginou poder reverter tal situação através do programa da Cédula Rural Pignoratícia do Banco do Brasil que, em 1969, incentivava a criação de búfalos na Baixada Ocidental Maranhense, tornando-se um dos pioneiros na compra e introdução de bubalinos na região.

É importante ressaltar que, nessa época, não se tinha nenhuma noção do impacto ambiental que a iniciativa poderia acarretar ao ecossistema dos campos da Baixada. Não existia nenhum questionamento a esse respeito e nem sequer se falava em meio ambiente como é comum na mídia da atualidade. Em resumo: a idéia abraçada pelo fazendeiro era somente dinamizar a economia local por intermédio da bubalinocultura de corte e leite.

Amante da natureza e de seus recursos, ao adquirir o sítio São Manuel, que pertencera a Oscar Argollo, pai de Dilú Mello, o Sr. Costinha fez aumentar ali o número de árvores frutíferas, plantando diversificados tipos de mangas (espada, pêra, rosa, e a hoje quase rara, manga do rio). A produção de mangas era tanta que o excesso era aproveitado para a fabricação de doces e vinagre.

O produtor de tomates –

Contudo, fora o comércio de tecidos finos e variados, o que certamente marcou mais a memória dos vianenses que conheceram o Sr. Costinha foi o gosto que ele possuía pelo cultivo de

hortaliças e legumes, principalmente o tomate, produto que chegou a ser exportado para São Luís, em pequenas quantidades, nos aviões monomotores que faziam diariamente a ponte aérea de Viana para a capital.

O extenso quintal da residência da família Costa, que dava os fundos para a Rua Coronel Campelo e que era alagadiça no período do inverno, anualmente, durante o verão, transformava-se numa extensa horta, onde, além do tomate, eram cultivados também quiabo, maxixe, jerimum, vinagreira e joão-gomes. Em canteiros diferenciados ainda eram plantados cenoura, pimentão, couve, alface e os tradicionais condimentos da boa peixada: o cheiro verde e a cebolinha.

Segundo Milaid, filha mais velha do S. Costinha e D. Maria, a mão-de-obra no plantio e manutenção da horta ficava por conta dos filhos, sendo ela uma das mais empolgadas com a saída iniciativa do pai e com os lucros auferidos da venda da produção, principalmente do tomate: “A horta abastecia a casa e o excedente era vendido à população. No auge da produção, chegávamos a colher até 500 kg de tomates por semana. Das sobras, fazíamos geléia da polpa do tomate, massa de tomate e até suco e doces”, recorda a atual engenheira agrônoma.

Sem uso dos chamados agrotóxicos (o único adubo era o estrume animal) e utilizando-se de um terreno que renovava, todos os anos, seu teor de nutrientes com o transbordamento das águas do lago, a família Costa obtinha, dessa maneira, uma verdadeira produção orgânica, tão valorizada nos dias atuais. O tipo de tomate cultivado (e muito apreciado à mesa e na cozinha dos vianenses) era o chamado tomate de massa, espécie com grande percentual de água e de sabor agradável, mas altamente perecível, o que dificultava sobremaneira sua comercialização em maior escala.

A vida social – Ao lado da esposa e fiel companheira, D. Maria Gomes Costa, o bem-sucedido comerciante par-



Passeando pela Praça da Matriz, S. Costinha e D. Maria com os filhos ainda menores Roland, Milaid, Célida, Evilásio e Cristian (falecido), quando ainda não haviam nascido Myllene, Laércio e Zulmira. Na foto aparecem também a filha de criação, Josete, e mais quatro filhos de Severiano e Conceição, casal amigo da família



Fotografia do início da década de 1970, mostrando a fachada exterior da casa que abrigou a residência e a loja dos Irmãos Costa



O Sr. Costinha e D. Maria Gomes Costa: união estável até que a morte os separou, faltando pouco mais de um mês para que o casal comemorasse suas bodas de prata



Em 1976, a então estudante universitária do curso de Agronomia, Milaid Gomes Costa, com o pai, meses antes de seu falecimento



Sítio São Manuel: na foto aérea, destacam-se os 9 viveiros de piscicultura, construídos pelo empresário José Henrique Nicolau (esposo de Milaid), que fornecem boa produção local de tilápias e tambaquis

ticipava ativamente da vida social da cidade. Fã e incentivador dos bailes de carnaval, foi um dos sócios fundadores do Grêmio Recreativo Vianense. Tinha como *hobby* as pescarias no lago e as caçadas pelos campos (era exímio atirador). Na culinária, influenciou os vianenses no hábito de consumir o peixe tubi, grelhado e acompanhado do arroz pilado na hora. Sem negar suas origens, também apreçoava entre os amigos os pratos de sua preferência como o bode assado, cozido de bode e paçoca de carne.

O Sr. Costinha exerceu a presidência da Associação Comercial de Viana por vários anos e também o cargo de tesoureiro do antigo Ginásio Prof. Antônio Lopes.

Em 1972, com a mudança do Sr. Assis e família para São Luís, dissolveu-se a firma “Irmãos Costa”, após mais de duas décadas de existência. O Sr. Costinha, entretanto, continuou no ramo do comércio, criando uma nova firma que recebeu o nome de Almeida Costa, até aposentar-se em meados de 1975.

O desaparecimento precoce – Aos 55 anos de idade e menos de um ano depois da aposentadoria, numa viagem de negócios ao Estado do Pará, Raimundo Nonato Almeida Costa teve morte trágica, vítima de atropelamento na BR-316. Naquela tarde fatídica de 22 de maio de 1976, como num só golpe de espada, um carro em alta velocidade ceifou de maneira brusca uma vida inteira de trabalho e de dedicação à família.

Francisco de Assis Costa, ao contrário, gozou de boa longevidade. Faleceu, em São Luís, no dia 28 de novembro de 2003, aos 84 anos de idade.

BR

POSTO LUIZA III

PROMOÇÃO

"VOU DE GOL!"

ABASTEÇA R\$ 50,00 E CONCORRA A UM

GOL 0 km

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Cidade: _____

Data da Compra: ____/____/2009

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ: 12/10/2009

Crônica de uma queda anunciada

Lourival Serejo

Foi numa noite chuvosa de abril. Caiu sobre a cidade uma chuva torrencial das oito às onze horas da noite. Depois, a chuva continuou mansa e persistente até às quatro horas da madrugada, um pouco antes do desastre.

A população dormia tranquilamente quando foi despertada por um estrondo tremendo. Muitos levantaram a cabeça e voltaram a dormir pensando que se tratava de um trovão. Alguns despertaram atordoados sem saber o que acontecera.

Em pouco tempo, ouviu-se um grito de socorro, insistente pedido de socorro vindo do lado do Sobrado Amarelo.

Com a repetição dos gritos, alguns vizinhos abriram a porta à procura do que estava ocorrendo. Getúlio foi o primeiro a chegar e logo constatou o que havia acontecido: o Sobrado Amarelo caiu! O vácuo deixado naquele espaço imenso era triste e desolador. A parede lateral, aquele estirão de parede, havia arriado sobre a casa da família de Parma. Alguém conseguiu sair dos escombros, mas não conseguira abrir a porta do quarto onde estavam outras pessoas, daí o pedido de socorro para ajudarem no resgate daqueles possíveis sobreviventes.

Em pouco tempo, um aglomerado de curiosos reuniu-se em torno da tragédia. E começaram a emitir as mais diversas opiniões. A culpa é do proprietário que nunca quis desfazer-se do sobrado, dizia o mais revoltado. Não, argumentava outro, a culpa é do prefeito



LUIZ ALEXANDRE

que não se interessou pela aquisição do prédio. Uma senhora que parecia ser uma professora foi mais longe em seu veredicto: a culpa é da Secretaria de Cultura do Estado que não quis evitar essa tragédia. Ou do Ministério da Cultura, afirmava outro. E quem pagaria as despesas das casas vizinhas que foram atingidas pelo peso das paredes caídas?

Enquanto a polícia e alguns voluntários ajudavam na retirada dos feridos, as pessoas continuavam a discutir e levantar o rol dos culpados por aquele sinistro.

No meio das ruas, os cacos de azulejos amarelos se espalhavam por todos os lados. Nada sobrara do que antes fora o prédio mais imponente de Viana, o ponto comercial mais movimen-

tado da cidade, onde grandes comerciantes como Antônio Marques, Armando Gaspar e José Pinheiro notabilizaram-se e enriqueceram. Agora havia ali apenas um terreno cheio de entulhos que não valia o preço a ser pago para a retirada daquele material. Se o sobrado já valia pouco, o terreno não valia nada.

Para o patrimônio arquitetônico de Viana estava consumada mais uma perda. Uma perda prevista com muita antecipação, assim como uma queda lenta que a insensibilidade humana assiste de braços cruzados, sem fazer nada.

Agora o Sobrado Amarelo só existia nos retratos conservados pelos saudosistas e nas crônicas do nosso confrade Carlos Gaspar.

Cnec encerra sua missão em Viana

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, depois de quase 50 anos servindo à educação vianense, encerrou sua missão local, deixando de ser o órgão responsável pelo Ginásio Professor Antônio Lopes. Foi realmente uma missão que a CNEC cumpriu em nosso município, favorecendo a educação de milhares de jovens que não podiam se deslocar para a capital, a fim de continuar seus estudos.

Com essa decisão, aquele estabelecimento escolar passou a chamar-se “Centro Educacional Dr. José Pereira Gomes” e será dirigido pela Associação Comunitária Educacional Vianense.

Depois de enfrentar muitas dificuldades em todo o país, a CNEC vem, paulatinamente, fechando seus estabelecimentos escolares e passando-os a entes públicos ou a grupos privados.

Ao fazemos este registro, aproveitamos para prestar nossa homenagem à CAMPANHA NACIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE – CNEC que serviu à população vianense, por todo esse tempo. Para informação dos mais jovens, a fundação do Ginásio Antônio Lopes, na década de 60, por iniciativa do Dr. José Pereira Gomes, foi um acontecimento histórico de relevância memorável. O Ginásio Antônio Lopes recebia alunos de toda a Baixada Maranhense, incluindo os municípios de Penápolis, Matinha, Cajari, São João Batista, Cajapió e São Vicente Férrer, além de Santa Inês, Pindaré-Mirim e Santa Luzia. O movimento estudantil era tão acentuado que havia várias repúblicas na cidade, abrigando estudantes de fora.

A CNEC, inicialmente era chamada de CNEG – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Foi nessa condição que começou sua atuação em Viana, abrigando pobres e ricos, em torno de um ideal que se apresentava concretamente em prol da educação de todos.

Uma geração de vianenses, hoje ilustres vianenses, deve sua educação ao Ginásio Prof. Antônio Lopes. Portanto, o encerramento da atuação da CNEC, em nossa cidade, não podia ficar sem esta nota de agradecimento e reconhecimento.

O fundador da Campanha, Felipe Tiago Gomes, foi um apóstolo da educação no Brasil. A ele devemos a concretização de um ideal de juventude que trouxe muitos benefícios para nós, vianenses.

Esperamos que o “Centro Educacional Dr. José Pereira Gomes”, agora com nova arquitetura administrativa, continue a contribuir para o engrandecimento da educação de nossos jovens.

Os 100 anos de D. Cotinha Barros



Cercada pelo carinho dos filhos, noras, netos e bisnetos, D. Maria da Anunciação Pinheiro Barros (Cotinha Barros) recebeu dezenas de amigos para a comemoração festiva de seu 100º aniversário. O evento realizou-se no Bianca Resende Buffet (Olho D'água), em São Luís, na noite do dia 28 de março último.

Católica apostólica romana, a aniversariante teve direito à bênção e orações proferidas pelo padre Baldez, amigo da família Barros, antes do jantar regado a música, servido aos convidados (a grande maioria constituída de vianenses).

Nascida na vizinha São Bento, em 25 de março de 1909, D. Cotinha Barros casou-se com o vianense Antonio da Rocha Barros em 1933, oficializando uma união que duraria por longos 46 anos, até o falecimento do marido em 1979.

D. Cotinha tornar-se-ia 1ª dama do município, no período de 1957 a 1961, quando Antonio da Rocha Barros foi eleito prefeito de Viana. Também seria mãe de um prefeito, Batista Luzardo Pinheiro Barros, que administrou o município de janeiro de 1977 a janeiro de 1982.

Além de Batista Luzardo, D. Cotinha é mãe de Antonio, Faustino, João e Carlos.

CONHECENDO OS SÍMBOLOS E MONUMENTOS DA CIDADE

PIA BATISMAL DA MATRIZ

Monumento dos mais significativos da história desta cidade, a pia batismal da Igreja Matriz resiste ao tempo e é testemunha significativa da caminhada cristã da comunidade católica de Viana.

Desconhece-se a data de sua inauguração, mas sabe-se que esta pia centenária já se encontrava aqui, muito antes do templo sofrer a primeira restauração em 1897, pelo padre José Hemetério.

Neste sagrado vaso de mármore, sob as mãos e bênçãos de inúmeros sacerdotes, gerações e mais gerações de vianenses receberam o sacramento do batismo. Meninos e meninas de

todas as épocas aqui se tornaram cristãos e aqui receberam um nome com o qual se identificariam por toda a vida. Sem falar nos casais que serviram de padrinhos e que, neste mesmo local, também abençoaram pela primeira vez seus afilhados.

Dos homens mais ilustres, como Celso Magalhães, Antônio Lopes e Raimundo Lopes, aos mais humildes e anônimos pescadores desta terra, todos, um dia, tiveram suas pequeninas fronteiras banhadas pela água benta deste vaso, num ritual de profissão de fé que os tornava iguais perante a Igreja e a sociedade, fazendo crescer cada vez mais o rebanho católico vianense.



LUIZ ALEXANDRE

TJ HOMENAGEIA VIANENSE COM O NOVO NOME DO FORUM DA JUSTIÇA ESTADUAL

Por iniciativa do desembargador Lourival Serejo, o Tribunal de Justiça baixou resolução denominando o fórum da Justiça estadual, a ser brevemente construído nesta cidade e comarca, de Fórum Desembargador Manuel Lopes da Cunha.

Com essa decisão, presta-se reconhecida homenagem ao vianense que foi governador do Estado e desembargador. Manuel Lopes da Cunha era pai de Antonio e Raimundo Lopes, dois intelectuais e historiadores vianenses. Antes de ser elevado à condição de patrono da Cadeira nº 18, da nossa Academia, Manuel Lopes da Cunha só havia recebido uma homenagem em sua terra natal, quando Ezequiel Gomes foi prefeito de Viana. Por ato daquele prefeito, foi denominado de Manuel Lopes da Cunha um colégio municipal do Capim Açú.

Dessa maneira, torna-se reconhecido o valor de mais um vianense que honrou nossa história e nossa inteligência.

UM PATRONO

JOÃO DE PARMA

O idealizador da bandeira vianense

Luiz Alexandre Raposo

João de Parma Montezuma e Silva nasceu e viveu em Viana, aproximadamente de 1860 a 1932, período em que ainda gozando de relativa estabilidade econômica, a cidade desfrutava um ambiente cultural de grande relevância, tendo a música como sua principal expressão artística.

Como era costume naquele tempo, muito cedo o jovem foi encaminhado para São Luís, a fim de estudar no conceituado Seminário Santo Antônio, de onde saiu poucos meses antes da ordenação sacerdotal.

Segundo a violinista América Dias (1907-2001), João de Parma costumava dar a seguinte explicação para o fato de ter abandonado os estudos, tão próximo de se tornar um sacerdote: *“por ordem do reitor do seminário, ele e os demais colegas foram ao Cine Éden, para assistir a um filme religioso. Casualmente, sentou-se ao lado de uma moça que se abanava com um leque perfumado de sândalo. Enquanto o filme se desenrolava na tela, inebriado pelo doce aroma, o seminarista começou a imaginar como seria maravilhoso casar e ter uma mulher daquela como esposa. No dia seguinte, procurou o reitor, confessou-se e deixou o seminário para voltar à cidade natal.”*

No entanto, a mesma informante costumava lembrar que as línguas feridas da época davam conta de outra versão para o caso, afirmando que ele simplesmente havia fugido do seminário sem dar qualquer explicação aos padres e antigos mestres.

Fugido ou não, João de Parma iria brilhar singularmente numa constelação de homens e mulheres que escreveriam a recente história desta centenária cidade. Possuidor de vasta cultura, sua atuação no meio social vianense abrangeria desde o magistério, passando pela música, até alcançar a política, trajetória esta que lhe conduziria ao cargo de vice-intendente (equivalente ao de vice-prefeito) do município.

O artista – De acordo com América Dias, filha do famoso maestro Miguel Dias, atendendo ao pedido do então pároco da Matriz, cônego Hemetério, seu pai organizou uma orquestra e dois cantores para o acompanhamento das missas solenes. O primeiro selecionado, como cantor, foi o ex-seminarista João de Parma por possuir um timbre de voz muito bonito e por dominar perfeitamente o latim. O segundo cantor escolhido foi o cego de nascença, Ricardo Simas, igualmente dono de uma bela voz.

Anos mais tarde, depois de muitas missas cantadas nas igrejas vianenses, o coro masculino se dissolveu. Miguel Dias organizou, então, um coro feminino com moças da sociedade local. Entretanto, a voz privilegiada de João de Parma continuaria sendo solicitada pelo maestro, vez por outra, para formar um coro mixto, especialmente para a interpretação de peças sacras que assim o exigiam. Conforme depoimento textual da filha do Miguel Dias, *“João de Parma tinha uma voz linda, como nunca vi outra igual”*.



No livro *“A Grande Música do Maranhão”*, João Mohana relaciona, entre tantas partituras resgatadas, uma ladainha para vozes e orquestra de autoria de João de Parma. Infelizmente essa obra não consta no Arquivo Público, em São Luís, para onde foi transferido todo o acervo musical colecionado pelo padre e pesquisador.

Teriam existido outras composições de João de Parma? É provável que sim, mas certamente também se perderam na poeira do tempo, para infelicidade da memória musical vianense.

O educador – No início de século XX, existiam somente duas escolas primárias em Viana, mantidas pelo Estado. Uma para o sexo feminino, cuja professora era a célebre Amélia Carvalho e a outra para o sexo masculino, regida pelo professor João de Parma.

O médico Sálvio Mendonça, em sua *“História de Um Menino Pobre”*, mais precisamente no capítulo XXII da citada obra dá o seguinte depoimento sobre o biografado: *“Em 1907, já com 15 anos, voltei a Viana para continuar os estudos na escola pública daquela cidade, a única existente. O professor era João de Parma, que tinha estudado no seminário de São Luís, até o último ano do curso respectivo e de onde fugiu antes de ser sacerdote. Tomava conta da Igreja Matriz e dirigia o coro nas missas. Era um homem severo, e me deixava tomando conta de escola, cujos alunos, em maioria, eram pretinhos descalços, filhos de famílias pobres e humildes. As 11 horas chegava o professor, e sempre mal-humorado. O professor começava a tomar as lições. Os alunos que liam mal ou erravam na tabuada, por ordem dele, ficavam de pé, encostados à parede. No fim, todos passavam pela palmatória, contando cada um, em voz alta, os bolos que recebiam de 1 a 12, conforme os erros, o mau comportamento, ou a má vontade do professor...”*

É necessário frisar que esse rigoroso método de ensino, tão estranho

aos nossos dias, era comumente aplicado não somente em Viana, mas em outros centros educacionais espalhados pelo Brasil da época.

No livro *“A vida simples de um professor de aldeia”*, Astolfo Serra, ao descrever a vida de seu genitor, Joaquim Ignácio Serra, professor do então povoado de Matinha, fornece como apêndice um interessante depoimento do Dr. José Francisco da Silva, Inspetor de Instrução Pública do Estado, quando Luís Domingues era o governador do Maranhão.

O teor do relatório sobre a Escola do professor João de Parma, apresentado pelo inspetor em 1912, era o seguinte: *“...A do sexo masculino, acha-se como todas as outras desprovida do material necessário para seu regular funcionamento. Existem 144 meninos matriculados, a frequência varia de 100 a 115, a sala onde funciona a referida Escola é pequena. O professor é competente e fiel cumpridor dos deveres. Disse-me o referido professor que no fim do corrente ano solicitará sua aposentadoria. E se assim for e o Governo a conceder, antecipadamente solicito a remoção do professor Joaquim Ignácio Serra, homem de reconhecida competência e extremado em propagar a Instrução em nosso amado Maranhão, para substituir o referido professor na cadeira do sexo masculino da cidade de Vianna.”*

Através da citada obra, constata-se que efetivamente João de Parma aposentou-se no final daquele ano de 1912 e que a sugestão do inspetor foi acatada pelo governo, pois Joaquim Ignácio Serra foi nomeado, no dia 18 de janeiro de 1913, para substituí-lo em Viana.

Dessa maneira, afastado do magistério, João de Parma teria mais tempo para se dedicar à família e às demais atividades que lhe proporcionavam prazer. Remonta desse período a inspiração para a criação da bandeira da cidade, cuja lei foi publicada no Diário Oficial do Estado em 1º de março de 1919 (veja matéria específica à página 8).

O pai de família – O professor João de Parma era casado com a senhora Joana Luzia Nunes da Silva, com a qual teve sete filhos: Ricardo, Virgílio, José Maria (conhecido por Nhô-Juca Parma), Mariano, Joaquim, Tercília e Justina. A família morava na Rua Grande, numa casa localizada onde atualmente reside o casal João e Dádica Barros.

Sobre a vjuvez do velho mestre, o jornal *“A Época”* do Dr. Ozimo de Carvalho (que circulou de 1929 a 1931), em seu nº 6, página 2, de 10 de fevereiro de 1929, trazia a seguinte nota de agradecimento: *“João de Parma Montezuma e Silva, seus filhos, netos, genros e noras agradecem penhoradamente a todas as pessoas que os acompanharam e dirigiram cartas, telegramas e visitas pessoais, apresentando-lhes condolências por ocasião do súbito falecimento da sua esposa, mãe, avó e sogra, Joana Luzia Nunes da Silva, no dia 29 do mês passado, bem como aos que assistiram à missa de corpo presente, celebrada na Igreja Matriz e acompanharam o féretro ao Cemitério 2 de Novembro, no imediato. A todos protestam sua gratidão. Viana, 5 de fevereiro de 1929.”*

O mesmo jornal na edição nº 113, datada de 15 de março de 1931, menciona na seção *“semana social”* o aniversário natalício do *“venerando professor João de Parma Montezuma e Silva que transcorrerá no próximo dia 20”*.

Têm-se notícias de que o falecimento do velho professor teria ocorrido a 1º de abril de 1932, isto é, três anos após ter enviuvado.

No passado, a Câmara Municipal de Viana soube homenagear o ilustre filho da terra ao emprestar seu nome a uma das ruas transversais à Praça da Matriz.

A Academia Vianense de Letras, como não poderia deixar de ser, também soube reconhecer o valor de João de Parma Montezuma e Silva, elegendo-o como patrono da Cadeira nº 23 da AVL, cujo titular é o também maestro e cantor Estêvão Maya-Maya.

ERRATA: Na nossa edição anterior (nº 23), à página 6, dissemos que o poema *“Despedida de Viana”* era da autoria de Benedito Francisco Silva, recentemente falecido no Rio de Janeiro. Na verdade, constatamos depois, *“Despedida de Viana”* é uma valsa com letra e música de outro Benedito da Silva, também falecido, que era conhecido pela alcunha de *“Rapé”*.

A referida composição data realmente da década de 1930, e o autor, que morava na Enseada das Formigas, tinha 15 anos de idade quando a compôs, ao partir de Viana.

O RENASCE VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo
(Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana
- MA CEP: 65.215-000

A VERDADEIRA BANDEIRA DE VIANA

Depois de muita pesquisa, os confrades Lourival Serejo e Carlos Gaspar conseguiram encontrar a lei da Câmara Municipal de Viana que criou nossa bandeira, o símbolo maior do nosso município. Sempre se buscou saber quem seria o autor da bandeira. Especulava-se entre Mariano Cunha e um padre, do qual não se sabia o nome. Agora, tudo foi esclarecido, em proveito da nossa história.

Para surpresa nossa, verificou-se que a atual bandeira é um equívoco, isto é, não está de acordo com o projeto original que se materializou numa lei. A verdadeira bandeira vianense é composta de três listras em cores azul, branco e verde. A simbologia de cada cor é explicada no próprio texto da lei com a precisão e a beleza de um poema.

O criador da bandeira, patrono de uma cadeira da nossa Academia, foi João de Parma Montezuma da Silva que, por coincidência, era o Intendente Municipal, em exercício, à época



da aprovação do projeto de lei. Reproduzimos, ao lado, a íntegra da Lei nº 112, de 7 de fevereiro de 1919 e publicada no Diário Oficial de 1º de março de 1919.

Como se percebe, a bandeira vianense fez 90 anos em fevereiro passado. Cabe, portanto, à atual Câmara de Vereadores, revalidar o referido decreto, a fim de que possamos adotar a nossa bandeira oficial, cheia de co-

res e significados que tocam à nossa poesia e ao nosso povo.

A cor verde, esquecida na bandeira hoje venerada, representa nossos campos. Essa omissão é significativa e exige reparo, pois não se pode simbolizar nossa terra sem lembrar seus verdes campos. Com as três cores teremos uma bandeira completa e mais representativa do nosso lago, do nosso céu e dos nossos campos.

CONHEÇA, NA ÍNTEGRA, O TEOR DA LEI DE CRIAÇÃO DA BANDEIRA

Governo Municipal

Lei N. 112

A. Câmara Municipal da Cidade de Vianna

DECRETA :

Art. 1.º Fica creada uma bandeira para este município.

Art. 2.º Terá as cores em listas horizontaes, azul, branca e verde e uma estrellta branca collocada no canto sobre a lista azul, representando assim:

A branca, limpidez das aguas do nosso formoso lago; a verde, a cor dos nossos bellissimos campos; azul, a cor do céu; a estrellta o guia dos nossos destinos.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Vianna, 7 de fevereiro de 1919.

Francisco de Salles Silva, P.

Raymundo Braz de Barros

Urbano Pinto

Manoel Alves Pinto Sobrinho

Alterado Andreino Nogueira

José Mariano da Cunha.

Approvada em sessão de 7 de fevereiro. Está conforme. Secretaria da Câmara Municipal de Vianna, 9 de fevereiro de 1919.

O secretario,

Raymundo Rodrigues.

Cumpra-se e publique-se. Intendencia Municipal de Vianna, 10 de fevereiro de 1919. João de Parma M. Silva, sub-Intendente, em exercicio.

Registrada e publicada na Secretaria da Intendencia Municipal, em Vianna, 10 de fevereiro de 1919.

O secretario,

Isaias Lopes Campello.

REMINISCÊNCIAS DE INFÂNCIA

Júlio A. Aires (*)

Nasci na Ilha da Primavera, povoado Itans, então fazendo parte do município de Viana, hoje integrando o de Matinha, em decorrência do desmembramento territorial na década de 40, mais precisamente em 15-1-1949, data em que Matinha adquiriu "status" de município. Tenho, pois, duas "cidadanias": uma originária e outra derivada ou adquirida, isto é, sou vianense de nascimento e matinhense como cidadão político. As duas ("cidadanias") estão no meu coração, fazem parte do meu patrimônio sentimental.

Antes de retirar-me, com doze anos de idade, do meu torrão natal com destino à capital do Estado em busca de mais largos horizontes, armazenei – e armazeno – na mente e no coração diversos fatos, cenas e lugares, que me são inesquecíveis. São recordações que imprimiram no meu espírito indeléveis lembranças.

A pesca da pudica - Pudica – não confundir com pudico, que tem pudor, recatado – é um instrumento de pesca, feito de pindoba, espécie de cofo, medindo uns três metros de comprimento, utilizado nas regiões de lagos. Em frente à nossa casa, na Ilha da Primavera, na época invernos, quando as águas começavam a minguar, pescávamos de pudica. Unindo algumas delas, uma a outra, tocávamos

os peixes e estes, encurralados, eram retirados à mão. Os mais comuns: traíra, jeju, piranha, cará ou acará.

Era uma festa para a garotada e uma delícia para o estômago, peixe fresquinho – pescado e comido na hora – e sem o risco de contaminação por produto químico.

O banho no "furo" - Chamávamos "furo," a passagem profunda entre a Ilha da Primavera e o continente (povoado Itans), onde os banhos, a natação e os mergulhos levavam a meninada ao delírio. Ali nos encontrávamos, adolescentes e jovens, para a disputa de resistência e rapidez, ou seja, quem nadaria mais rapidamente ou quem permaneceria por mais tempo sem respirar imerso na água. Sem dúvida, coisa de gente feliz por saber nadar e permanecer alguns segundos debaixo d'água.

A queda na ingazeira – Ingá, termo originado da língua tupi-guarani, é árvore da família das leguminosas – nome científico "ingacinnamomea" – nativa da Amazônia, cujo fruto é muito apreciado.

Certa feita, caminhava eu pelo mato meio ralo da Ilha da Primavera, juntamente com meu irmão Filipe, ambos menores de idade, quando paramos sob uma ingazeira. Subi no arbusto e Filipe ficou à minha espera para saborearmos as carnudas polpas dos frutos.

Em dado momento – eu no alto da ingazeira a uma altura de uns três metros – o galho frágil me jogou por terra, levando-me a excluir

para mim mesmo, olhando para cima, de "papo-pro-ar": *Ou Júlio, besta, tu não viste que esse galho tava podre!* O que provocou gostosas gargalhadas em meu irmão. Não comemos nenhuma ingá e ainda fui alvo de gozação do mano Filipe, hoje residindo nos Estados Unidos da América. Mas valeu a experiência como reminiscência de infância!

O boi "alfaiate" - "Alfaiate" foi o nome que demos a um boi de carga, de cor esbranquiçada, muito manso e "bom de estrada". O boi de carga era, e ainda é, muito utilizado na Baixada Maranhense, em toda a região amazônica e no Pantanal matogrossense, como animal de montaria, preferido a outros animais, por sua robustez.

O "alfaiate" nos conduzia – eu por vezes na garupa – à sede do município, Viana, com rapidez e segurança. Era, para mim, duas ou três horas de regozijo quando, montado na garupa do "alfaiate" – eu com meus 7 a 8 anos - e meu irmão Odilon conduzindo o dócil animal pelos verdejantes campos de Viana, passando pelos povoados São Rufo, Sacaitava, Colhereira (ave ciconiforme, da família dos *tresquiornitideos*, encontrada nas praias lodosas, nos rios e lagoas), onde se atravessava de canoa e o "alfaiate" a nado, Enseada dos Belos ou pelo caminho do mato, até chegarmos à cidade, para irmos às compras no comércio local. Era a Casa do Daniel Sales, de Laullela, as farmácias de Ozimo e de Nozor

e outros estabelecimentos comerciais localizados na Rua Grande.

Pastor Moisés Garcia - É um registro especial que faço em homenagem póstuma a um ministro do Evangelho, que exerceu com dignidade o pastoreado da igreja Assembléia de Deus em Viana, mas residindo em Itans. Recordo-me do reverendo Moisés Garcia, eu ainda menino, como o construtor do primeiro templo da assembléia de Deus em Itans, à margem do lago. Como o edificador espiritual de vidas, o conselheiro e amigo de crentes e não crentes.

Alem de Moisés Garcia, outros vultos da minha época de criança, evangélicos ou não, trazem-me gratas recordações: Tomé Araújo, meus avós paternos e maternos (José Ramundo Aires e Maria Alexandrina Aires, Júlio Napoleão de Araújo e Inácia Gomes de Araújo), minha inesquecível mãe Francisca Araújo Aires, na intimidade "Chiquinha", (não conheci meu pai Filipe Gomes Aires, prematuramente falecido aos 41 anos de idade), Ovídia Araújo e seus muitos filhos, Marcos Silva, Antônio e Antônia do Lago, marido e mulher, e tantos outros a mim ligados por laços de parentesco ou de afetividade.

São gratas e saudosas reminiscências!

(*) Titular da Cadeira nº 18 da AVL Desembargador aposentado do TJ-MA Professor aposentado da UFMA Superintendente da Escola Bíblica Dominical da Assembléia de Deus